

MIGRANTES DO INTERIOR PAULISTA: SOBRE RELAÇÕES SOCIAIS TRAÇADAS POR VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS

Andréa Vettorassi¹

RESUMO:

Este estudo pretende compreender, sob a perspectiva metodológica da História Oral e com dados quantitativos, a construção e reprodução das múltiplas identidades e sociabilidades existentes entre os trabalhadores rurais, de origem mineira e nordestina, que migram para Guariba, cidade-dormitório de economia sucroalcooleira do interior de São Paulo. Para tornar possível esta compreensão, foi necessário determinar em quais contextos estas identidades e sociabilidades são construídas, ou seja, de que forma a comunidade circundante, com seus pensamentos, memórias e valores, interfere nestas relações sociais. Percebemos, utilizando essencialmente os pensamentos e análises sociológicas de Pierre Bourdieu, que entre os dois grupos existe uma dicotômica e dialética relação baseada em preconceitos e violência simbólica, como também em uma estereotipada conexão migrantes – criminalidade, que em Guariba é ainda mais perceptível devido à Greve dos trabalhadores rurais de 1984. Esta dicotômica relação é viabilizada a partir de uma ideologia que perpassa todos os grupos sociais de Guariba, e que divide a cidade entre os que denominamos “nativos” e “de fora”.

Palavras-chave:

Pierre Bourdieu; migração; identidades sociais.

ABSTRACT:

This study aims at understanding, through the methodological perspective of Oral History and making use of quantitative data, the construction and reproduction of multiple identities and sociabilities present among the rural workers natural from the Minas Gerais state and the Brazilian northeast region, and who have migrated to Guariba, a bedroom community in the interior of the São Paulo state whose economy is based on the sugarcane industry. In order to make this understanding possible, it has been necessary to determine in which contexts these identities and sociabilities are built, that is, how the

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Unicamp e bolsista Fapesp.

surrounding community, with its ideas, thoughts and values, interferes in these social relations. It has been made clear to us, specially using Pierre Bourdieu's concepts and sociological analysis, that, between the two groups, there is a dichotomic and dialectic relation based on prejudice and symbolic violence, as well as a stereotyped connection between immigrants-criminality, which is clearer in Guariba due to a rural workers strike in 1984. This dichotomic relation is made possible by an ideology which permeates all the social groups in Guariba, and which divides the city between those we have called the "natives" and the "outsiders".

Key words:

Pierre Bourdieu; migration; social identities.

INTRODUÇÃO

As relações de conflito, tensão e poder que se estabelecem intergrupos e intragrupo são indagações constantes nas análises sociológicas de Pierre Bourdieu. Seu enfoque destaca a violência e o poder simbólicos, que estão associados de forma inarticulável à dominação, poder e violência materiais. Notamos ainda uma preocupação permanente com a relação indivíduo/sociedade, em especial no que tange à interdependência dos indivíduos e grupos e às suas permanentes manifestações de conflito e poder. Quando reflete sobre o lugar do indivíduo na sociedade, Bourdieu faz constantes diálogos com os autores clássicos Durkheim, Marx e Weber. Neste sentido, sua noção de *habitus* chama a atenção para um conhecimento adquirido e também um haver num indivíduo que não é *transcendental* (na tradição idealista), mas sim um *agente em ação*, e isto também vale ao intelectual e seu papel, indissociável às suas idéias e aos seus efeitos na sociedade. Vai contra a linha durkheimiana, ou ainda a tradição materialista de Marx, em que um agente não tem ação, é apenas um reflexo. Para Bourdieu, o agente é um ser capaz, e como já foi dito, é ativo, criador e inventivo; é, afinal, um operador prático de construções de objeto, e constantemente elabora representações para dar sentido aos seus lugares no mundo.

A partir das considerações acima, este artigo objetiva articular a Sociologia de Bourdieu, assim como a de outros importantes autores, a fatos empíricos de uma pequena cidade-dormitório do interior paulista.

As reflexões críticas de Bourdieu sobre as sociedades decifram muitas das relações sociais que encontramos entre os agentes de Guariba – SP, não raro permeadas por violências simbólicas e segregadas por *campos* e *capitais sociais e culturais*.

GUARIBA: A CIDADE DAS CONTRADIÇÕES

A 50 km de Ribeirão Preto – SP, ilhada por um incontável número de plantações de cana-de-açúcar, encontra-se Guariba, uma dentre várias outras pequenas cidades, conhecidas como *cidades-dormitórios*, existentes no interior paulista². Uma precária rodovia de pista simples é o principal acesso à cidade. Há importantes usinas de cana-de-açúcar em volta de Guariba, como a São Martinho, a Bonfim e a São Carlos. Após morosa viagem, entramos enfim na pequena cidade que, para um visitante menos atento, em nada difere de tantas outras.

No entanto, há algo nela que, logo que entramos, nos chama a atenção. “Guariba tem uma entrada feia, né?”, ouvimos de uma moradora quando pela primeira vez entramos na cidade. Ela referia-se a um de seus bairros periféricos, uma espécie de *cartão de visitas*, já que se encontra em seu principal acesso. É, afinal, um indesejado cartão de visitas, pois denuncia aos olhos de quaisquer visitantes uma pobreza *relativa*, ou seja, uma desigualdade social existente na cidade, já que ela também comporta diversas famílias representantes da classe média e alta.

Quanto à sua história, Guariba se assemelha às diversas outras cidades-dormitórios que a circundam. Com o processo de modernização agrária, em ápice no final da década de 60, a civilização cafeeira existente na cidade perdeu espaço para a civilização da usina. Neste período, houve uma reestruturação espacial no campo e nas cidades. De acordo com Moraes Silva, “reestruturação não entendida somente a partir do despovoamento do campo e povoamento das cidades, mas também nos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais” (SILVA, 1993: 31). Com a expansão do espaço urbano, cada vez mais ilhado pelas plantações de cana-de-açúcar, apareceram os primeiros cinturões periféricos de miséria em Guariba.

Na década de 50, há um primeiro cinturão, um transbordamento significativo dos limites históricos da cidade do café. Nesta década, os

² Guariba tem em torno de 31.085 habitantes, de acordo com o Censo IBGE (2000).

primeiros migrantes nordestinos chegaram à cidade, força de trabalho para a nascente economia canavieira. Guido Garavello, empreiteiro e proprietário em Guariba, abriu um novo loteamento, o Bairro Alto, mais conhecido como João-de-Barro, porque a grande maioria de suas casas foi construída pelos migrantes nordestinos residentes no loteamento, que chegam anualmente à cidade em busca de trabalho no corte da cana. Suas casas não foram construídas da maneira tradicionalmente paulista (ou seja, “moderna”), mas com lajotas de barro, comuns nos estados nordestinos (MENDES, 1997: 143). Localizado na principal entrada de Guariba, o Bairro Alto é o *cartão de visitas* mencionado acima, representante das desigualdades sociais e econômicas propiciadas pela modernização das usinas de cana-de-açúcar. A infra-estrutura do bairro é bastante precária e distinta do resto da cidade³. Por ser um espaço diferenciado de todos os outros, é que o Bairro Alto pode ser considerado um campo autônomo, um espaço social marcado pelas relações sociais horizontais, como também pelas relações e lutas verticais entre os grupos sociais. Pode também ser reconhecido enquanto um sistema simbólico, que representa uma sociedade que se organiza segundo a lógica da diferença (BOURDIEU, 1989). Para os moradores mais antigos de Guariba, é o bairro em que vivem os “invasores”, a gente de maus costumes, violenta e responsável pela desordem urbana⁴. São impressões que revelam quais representações sociais cada agente social de Guariba pode conter, de acordo com seu *capital cultural*, significativo quando é conhecido e reconhecido pelos outros agentes de um mesmo espaço social. Ademais, o poder simbólico dos agentes está relacionado à posição que estes ocupam no espaço social. Quanto maior o status, maior seu poder simbólico (BOURDIEU, 1989).

³ De acordo com os dados por setores censitários do IBGE (2000), 30% dos domicílios do Bairro Alto abrigam de 5 a 9 moradores. Em pelo menos 6 casas do bairro não há água canalizada. Em 3 delas não existe nenhum tipo de banheiro ou sanitário; 7 escoam seus esgotos em fossa rudimentar; 20% dos moradores com 5 anos de idade ou mais são analfabetos. Estes dados seriam ainda mais agravantes se o Censo incluísse na pesquisa os migrantes que vivem a menos de 1 ano na cidade, como também as pensões que os abrigam. São ao todo 885 pessoas residentes no Bairro “Alto”, uma média de 4 pessoas por domicílio.

⁴ Informações colhidas a partir de pesquisa de campo realizada nos anos de 2004 e 2005.

MIGRANTE BÓIA-FRIA: QUAL SEU PAPEL NAS CIDADES-DORMITÓRIOS?

Rosa Luxemburgo, já no início do século XX, trouxe à luz novas discussões e interpretações acerca da *reprodução do capital*, o fazendo de forma a inserir outros elementos à noção de reprodução do capital de K. Marx, vigente até o momento. De acordo com esta pensadora, o capital apenas garante os níveis de acumulação almejados quando importa força de trabalho existente em outras regiões, normalmente de economia pré-capitalista. Ou seja, o capital não consegue se reproduzir se utilizar apenas a força de trabalho existente nos limites de seu próprio espaço. Além disso, “o processo de acumulação originária não se refere somente ao início da era capitalista, mas o acompanha também nas fases de sua reprodução ampliada” (SILVA, 2005: 04).

Um século mais tarde, é possível perceber que Rosa Luxemburgo foi capaz de apontar para um dos mais importantes elementos existentes na reprodução do capital em sociedades de economia capitalista avançada, em tempos de um mundo cada vez mais dicotômico, dividido entre áreas de riqueza e miséria intensas. As desigualdades sociais, a riqueza de áreas capitalistas em detrimento à pobreza de áreas pré-capitalistas, são fundamentais para o desenvolvimento e reprodução do capitalismo em si.

Certamente encontramos no Brasil as mesmas relações econômicas apontadas acima e, como não poderia deixar de ser, em cidades-dormitórios como Guariba. O desenvolvimento econômico do interior de São Paulo, o mais rico estado do país, é garantido em especial a partir da produção, comercialização e exportação dos produtos originários da cana-de-açúcar, como o açúcar e o álcool. Não obstante, a economia açucareira assegura os seus altos índices de reprodução do capital utilizando-se de mão-de-obra barata, advinda de regiões pobres do país. São homens, mulheres, pobres, camponeses, originários de regiões do Brasil tais como estados nordestinos e Vale do Jequitinhonha-MG, e que por meio da migração (temporária ou permanente) deslocam-se para a região de Ribeirão Preto – SP em busca de melhores condições de vida. Quando voltamos os olhos para as tristes condições de vida existentes nos locais de origem destes migrantes, compreendemos o porquê da intensa migração de seus habitantes, como também a relação riqueza/pobreza exposta acima: No Maranhão, por exemplo, estado de crescente fluxo migratório, 68,42% dos seus 5,6 milhões de habitantes são de miseráveis que vivem com até R\$ 80,00 por mês (o maior índice

percentual do país); dos 100 municípios mais pobres do país, 83 estão no Maranhão; de cada mil bebês nascidos no Maranhão, 42 morrem antes dos cinco anos (maior taxa de mortalidade infantil entre os estados brasileiros); 50,3% da população maranhense não têm acesso à água encanada; 39,8% das casas no Maranhão não possuem banheiro; 35,2% dos maranhenses com mais de 10 anos são analfabetos⁵.

Os migrantes do interior paulista representam um grupo heterogêneo, que constantemente elabora novas formas de ser, ver e estar no mundo e que reformula suas condutas e valores, ao mesmo tempo em que busca fortalecer velhos laços familiares para o enfrentamento conjunto da existência, muitas vezes em condições de trabalho subumanas. Desta forma, deixam de ser camponeses em regiões de economia pré-capitalista e tornam-se, definitivamente, *peça fundamental* para o avanço da reprodução do capital em áreas de economia capitalista consolidada. No entanto, esta *peça fundamental* nem sempre aceita a estrutura econômica a que está submetida e, no caso de Guariba, foi capaz de se rebelar contra as suas condições.

A GREVE DE GUARIBA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Em tempos de intensa e contínua reprodução do capital, metade da população de Guariba, em 1984, constituía-se de empregados nos canaviais, sendo que sua grande maioria era advinda de estados nordestinos e de Minas Gerais (MARTINS, 1996: 184). Nesta ocasião, trabalhadores do setor sucroalcooleiro, espontaneamente, levantaram-se contra as precárias condições de vida a que eram submetidos, em um regime que poderia ser considerado de semi-escravidão. Na madrugada do dia 15 de maio de 1984, em torno de 5.000 trabalhadores não subiram nos paus-de-arara em direção ao campo. No Bairro Alto, começaram as suas manifestações e, aos poucos e em volumosos grupos, marcharam para o centro da cidade riscando seus facões no asfalto e permaneceram na praça da igreja matriz por toda a manhã. Concomitantemente, depredaram o escritório da Sabesp (Serviço de Abastecimento de Água do Estado de São Paulo), atearam fogo em seus carros e invadiram um

⁵ Fonte: FGV, IBGE e Universidade Federal do Ceará. In: Jornal Correio Popular, Caderno Cidades, p. A4. Campinas, 16 de outubro de 2005. Agradeço à Profa. Dra. Tânia Pellegrini, que tornou possível o acesso a estes dados.

supermercado, de onde levaram diversos produtos alimentícios e eletrodomésticos. O aumento repentino das contas de água recém entregues pela Sabesp e os preços abusivos cobrados pelo supermercado, que não mais abria contas para os trabalhadores rurais, foram as justificativas dadas para estas ações. No entanto, a principal causa da greve foi a alteração do sistema de colheita da cana, que passou de cinco para sete ruas, o que tornaria a lida diária ainda mais penosa. As revoltas e conflitos foram constantes, e houve a intervenção da Tropa de Choque do governo do Estado de São Paulo, como também de policiais provenientes de várias cidades vizinhas (NOVAES & ALVES, 2002a; 2002b). É o dia de maior violência da greve: a Tropa de Choque foi acionada, a água e a luz do Bairro Alto foram cortadas, trinta homens foram feridos e um aposentado de sessenta anos, que apenas observava os acontecimentos de longe, foi morto por uma bala perdida. Já na noite deste dia, o sistema de corte da cana passa para cinco ruas. No dia 17 do mesmo mês, a greve tem fim, com um acordo que contemplou quase todas as reivindicações dos trabalhadores. Em janeiro de 1985, uma nova greve paralisou os trabalhadores de Guariba e região. Em um momento de entressafra, em que boa parte dos trabalhadores do corte da cana estava desempregada e, conseqüentemente, instável economicamente, a *fome* foi um precioso elemento mobilizador.

Pela sua abrangência, relevância e, como não poderia deixar de ser, pelo seu caráter violento, a greve de Guariba teve repercussão não só nacional, mas mundial. No entanto, atualmente é pouco lembrada pelos habitantes da cidade. Nas relações cotidianas dos diversos agentes sociais de Guariba, a greve viabilizou significativas transformações nos campos sociais, sobretudo porque os grupos migrantes, de uma certa forma, puderam se organizar enquanto classe, na medida em que desenvolveram representatividade e força real no campo político. De acordo com Bourdieu, “a classe existe na medida em que – e só na medida em que – os mandatários dotados de *plena potentia agendi* podem ser e sentir-se autorizados em falar em *nome* dela (...) e a fazê-la existir assim como uma força real no seio do campo político” (BOURDIEU, 1989: 160). Portanto, esta *micro-revolução* não afeta apenas o contexto econômico, mas também o político e social da cidade de Guariba e de todo o interior paulista. A greve foi, afinal, o momento em que homens e mulheres migrantes saíram de becos escuros, invisíveis e escondidos em suas periferias pobres, para mostrarem-se enquanto agentes representativos, para ocuparem campos sociais dos quais não faziam parte, para, enfim,

reivindicarem direitos enquanto *classe*. Bourdieu define situações revolucionárias da seguinte forma: “As situações revolucionárias e pós-revolucionárias oferecem exemplos de desvios entre a história objetivada e a história incorporada. Os desvios são perceptíveis em qualquer ordem social, e muito especialmente nas zonas de incerteza da estrutura social. Nestes casos, a ação é uma espécie de luta entre a história objetivada e a história incorporada, luta essa que dura por vezes uma vida inteira para modificar um posto ou modificar-se a si mesmo. A história faz-se nesta luta” (BOURDIEU, 1989: 103).

Mas o que é a história objetivada e a história incorporada? É na história incorporada que mantemos uma relação originária com o mundo social, em uma relação de posse. Aquele que herda cultura, embora possa não saber nem o que faz nem o que diz, nunca fará nem dirá nada que não esteja em conformidade com as exigências de sua herança, de sua história incorporada. A história objetivada, por sua vez, é a submissão que todos nós temos a certos fins, significações ou interesses transcendentais, quer dizer, superiores e exteriores aos interesses individuais (BOURDIEU, 1989: 86-87). Ela raramente é efeito de uma posição imperativa e de uma submissão consciente. Bourdieu compara a história objetivada com uma *orquestração sem maestro* (BOURDIEU, 1989: 87). Os agentes aceitam estas condições porque acreditam na sua *vocação* ou *missão*, ou ainda porque sentem que não são capazes de fazer outra coisa.

Da junção de nossas histórias incorporadas e objetivadas, nascem e se desenvolvem nossas percepções do mundo, o que somos e o que podemos nos tornar. Nascem, enfim, os *habitus* dos agentes sociais que, embora de uma forma mais ou menos difícil, são suscetíveis de serem transformados pela história. Bourdieu evidencia a capacidade criadora, inventiva e ativa do *habitus*. A razão de ser de uma instituição e dos seus efeitos sociais não está na *vontade* de um indivíduo ou de um grupo. Está no campo de forças antagonistas ou complementares no qual, em função dos interesses das diferentes posições e dos *habitus* dos ocupantes das instituições, se geram as *vontades*. Através da luta é que é construída a realidade das instituições e dos seus efeitos sociais, previstos e imprevistos (BOURDIEU, 1989: 81).

Mas quais foram, afinal, as conseqüências da greve em Guariba? De fato, os migrantes de Guariba deixaram de ser invisíveis ou, pelo menos, pouco perceptíveis quando marginalizados em suas periferias. Mas a *micro-revolução* não mudou velhos *habitus*, apenas reafirmou o poder simbólico dos grupos dominantes. Após 1984, Guariba passou a ser

reconhecida como cidade violenta e conflituosa. Uma complexa e multifacetada relação entre os “nativos” e os “de fora” ganhou força ímpar. E ser “de fora” significa muito mais que ser migrante: ser “de fora” significa não possuir lugar algum.

OS NATIVOS E OS “DE FORA”

Percebemos que, marginalizados *economicamente* pela estrutura desigual do capitalismo vigente (uma marginalidade econômica tão intensa que os impulsionou para uma violenta greve), estes homens e mulheres migrantes são também marginalizados *geograficamente*, pois para eles sobram as regiões periféricas e miseráveis das cidades que os abrigam. Dentro destas cidades, os migrantes inevitavelmente se inserem em uma terceira relação desigual, já que são também marginalizados *socialmente*. Em Guariba, grupos heterogêneos se separam entre os que chamamos de “nativos” e os “de fora”, que se diferenciam em diversos aspectos: o primeiro grupo é constituído de brancos, o outro de negros e pardos; o primeiro é morador do centro, o outro do Bairro Alto; o primeiro é de classe média e classe média alta, o outro é de classe baixa. Todos estes elementos são resumidos em poucas palavras detentoras de estigmas: “de fora”, estranho, “do morro”, migrante, nordestino. Quando moradores do Bairro Alto e do centro da cidade de Guariba foram ouvidos, compreendemos que há uma qualidade comum compartilhada com os “de fora” que os identifica desta forma: *serem negros ou pardos*, independente de serem migrantes ou não; suas corporalidades projetam uma impressão para os nativos que torna possível uma dialética e discriminatória relação entre os dois grupos e que inclui os filhos de migrantes, já nascidos em Guariba. Utilizando-se da expressão *migrante*, o nativo mascara um preconceito de cor e de raça muito mais evidente e forte que o de naturalidade. Munido de seu alto poder de coesão, o nativo atribui ao “de fora” (migrante e, principalmente, negro ou pardo) todos os males de sua sociedade, em especial os índices de criminalidade.

O grupo nativo é, afinal, detentor de uma violência simbólica “que se exerce pelo poder das palavras que negam, oprimem e destroem psicologicamente o outro” (ZALUAR & LEAL, 2001: 148). Segundo Bourdieu, a violência simbólica é operada pelos mandatários do Estado, que possui o monopólio de uma violência simbólica legítima, o que inclui a Justiça, instituição na maior parte das vezes inacessível aos migrantes e

seus descendentes. Contudo, a sociedade civil também demonstra sua capacidade de violentar simbolicamente o outro, como fazem os nativos de Guariba. Nos “de fora” é atribuída a estigmatização do *marginal*, e a tese de que a miséria sempre gera criminalidade legitima uma violência simbólica multifacetada, que se transpõe para o mundo da violência *real*. O nativo utiliza as *di-visões* acima (de classe, cor/raça, naturalidade e etc.) para justificar a criminalidade existente na cidade e que é conhecida por todas as cidades vizinhas de Guariba. Ou seja, os nativos tomam consciência de suas posições no mundo social quando mantêm relações de força com os “de fora”, quando classificam e nomeiam o outro de acordo com o seu capital simbólico (BOURDIEU, 1989), que nada mais é que as diversas propriedades que os agentes constroem para determinarem suas posições nos espaços sociais, e que só é significativo quando conhecido e reconhecido pelos outros agentes. O espaço social tem diversas dimensões, e isto é perceptível em Guariba. Bourdieu rompe com a representação unidimensional do mundo social, ou seja, com a visão dualista marxista que reduz a estrutura social à oposição entre os proprietários dos meios de produção e os vendedores de força de trabalho. O espaço social é multidimensional, um conjunto aberto de campos relativamente autônomos e subordinado a transformações (mais ou menos direto ao campo de produção econômica). Os ocupantes das posições dominantes e dominadas estão envolvidos em lutas de diferentes formas (mas não constituem necessariamente grupos antagonistas) (BOURDIEU, 1989: 138).

De acordo com BOURDIEU (1989: 140), quando *categorizamos* o outro (elogiamos, congratulamos, louvamos, insultamos, criticamos, censuramos ou acusamos), estamos determinando e reconhecendo *nossas próprias* posições sociais. Apenas reconhecemos a posição que ocupamos no espaço social na prática, nas relações sociais que mantemos com os outros grupos sociais e que nunca é estática ou unilateral. Assim, o nativo transfere para o “de fora” os pontos negativos existentes em sua comunidade (pobreza, criminalidade, etc.), com o intuito de preservar sua auto identidade (*self*); é uma forma de defesa, que se baseia no ataque.

No entanto, uma pesquisa quantitativa realizada com os processos criminais da Comarca de Guariba, como também as entrevistas realizadas em especial com os migrantes do Bairro Alto, trouxeram à luz resultados (e questionamentos) quanto à relação nativos/os “de fora” e os tipos de crime em que os migrantes e seus descendentes estão envolvidos. Percebemos com esta pesquisa que o número total de

processos criminais da década de 90 não justifica a fama de violenta que a cidade já recebia na época: No ano de 1990, foram registrados 571 processos criminais, um número baixo para os padrões de uma cidade com o porte de Guariba⁶. Do total neste ano, apenas 48 processos têm como réus *migrantes trabalhadores rurais ou desempregados*, um número muito menor do que o estimado pelos funcionários do Fórum (que era de 150 processos por ano envolvendo migrantes lavradores), o que indica um viés discriminatório. Ou seja, os nativos encarnam os valores da tradição e da boa sociedade, enquanto que os “de fora” estão rotineiramente relacionados à anomia, delinquência, violência e desintegração, numa espécie de *fantasia coletiva* perpetuada pelo alto potencial de *coesão* dos estabelecidos (ELIAS & SCOTSON, 2000) e, no caso de Guariba, pelo preconceito de cor e classe que denomina “migrantes” todos aqueles que são negros e pobres. Quando a porcentagem do número total de processos criminais em que os réus são migrantes em relação ao número total de processos criminais da comarca de Guariba é levantada, novas análises podem ser feitas: apenas 17,1% de todos os processos criminais da Comarca de Guariba da década de 90 têm réus migrantes.

Como os dados revelam, não só a fama de violenta que a cidade carrega não tem fundamento empírico, como também a responsabilidade dada aos migrantes para os índices de criminalidade, sejam eles migrantes temporários ou os que já vivem em Guariba há mais tempo. A idéia de que Guariba é uma cidade violenta está relacionada à greve de 1984. Além disso, os dados empíricos demonstram que a conexão migração-criminalidade é apenas parte do que chamamos de uma *ideologia nativa*, baseada em falsas consciências (MARX & ENGELS, 1984), e de toda violência simbólica reproduzida e perpetuada por este grupo nativo.

COMO REAGEM OS “DE FORA” FRENTE AOS ESTIGMAS?

Frente aos estigmas do grupo nativo a que estão submetidos, os “de fora”, por serem um grupo heterogêneo, têm reações diversas e multifacetadas, que podem ser divididas entre três subgrupos: os “de

⁶ No mês de julho de 2004, foram registrados na delegacia da cidade 120 termos circunstanciados (crimes de “menor potencial excessivo”, como xingamentos, por exemplo). Em Monte Alto, cidade com 10.000 habitantes a mais que Guariba e sua vizinha, foram registrados no mesmo período 174 termos circunstanciados. Destes termos, poucos se tornam inquéritos e é ainda menor o número dos que se tornam processos criminais.

fora” migrantes sazonais, os “de fora” migrantes estabelecidos em Guariba há décadas e os “de fora” pertencentes à segunda e terceira geração de migrantes.

O migrante sazonal é parte intrínseca de dois universos dialéticos, que são a sua terra de origem e a cidade de Guariba. Este migrante tem papéis sociais diferentes nos dois espaços: Ao voltar para as terras de origem, quando bem sucedido nas lavouras de cana do interior paulista, recebe um novo status, uma diferenciação social e cultural. Destaca-se em seu mundo tradicional quando se apropria do moderno a partir de bens simbólicos e materiais⁷. Ainda no “mundo moderno” em que migrou, a relação é inversa. Os aspectos de seu cotidiano não estão absolutamente desprendidos do modo de vida de sua terra natal (portanto, um modo de vida tradicional e camponês). A relação *vertical* (com os nativos) é tensa, e é por isto que o migrante sazonal torna-se introspectivo, mantendo apenas no dia-a-dia relações *horizontais* (com o seu próximo e semelhante), seja a partir de laços de confiança e obrigações mútuas, seja nas brincadeiras ou, ainda, nas relações conflituosas, na disputa de território e espaço no trabalho, na verdadeira malha social construída e reproduzida nos corredores de cana. Neste contexto, o trabalhador migra pelo fetiche e status que a mercadoria e o papel moeda oferecem. No entanto, não se sente parte integrante do “mundo moderno”, sendo tomado pelo estranhamento e saudade de sua terra, saudade esta que é parte constituinte do homem camponês (SILVA, 2001). O relato oral de Martinho, maranhense de Morro Branco⁸, negro, 25 anos e migrante sazonal há três anos porque tem o sonho de comprar uma moto, retrata estes híbridos sentimentos e modo de vida⁹:

Você sente alguma diferença quando volta [para Morro Branco, sua terra Natal]?

⁷ Quando por exemplo voltam de boné, “ray-ban” e celular, bens materiais típicos do modo de vida paulista e, portanto, do “moderno”. Aqui existe uma dupla associação do tradicional e do moderno.

⁸ Vila do interior do Maranhão, próxima à cidade de Codó, tem intenso fluxo migratório para Guariba.

⁹ Entrevista realizada em dezembro de 2004, na pensão do depoente. Outras reflexões e entrevistas sobre o tema podem ser encontradas em VETTORASSI (2005; 2006).

Martinho – É, chega lá, a coisa muda, né? Às vezes uma terra que tava feia, de repente dão um trato nela [e cita outros aspectos do mundo rural onde sua família tem roça de subsistência e criação de animais]. Aqui se chama centro, lá é interior. Aqui é cidade, é tudo enlatado, tem telha, telhado, tem rua. E aqui a gente muda as “feição”.

Então você acha que aqui você vive melhor?

Martinho – Melhor, assim, porque estamos trabalhando, né, mas bom mesmo é tá na terra da gente...

Mesmo morando na choça [casas feitas de madeira e barro típicas do interior do Maranhão]?...

Martinho - Ah, é, mesmo morando na choça o bom mesmo é lá! Aqui é cidade, tem dinheiro, dá pra comprar, pra andar de tênis, mas eu sou pobre e prefiro morar na terra da gente. (Risos) Porque a gente nasce lá. Porque a gente nunca se esquece da terra que se nasceu [...]; sem família é a mesma coisa que nada.

E você acha que você mudou muito?

Martinho – Ah, eu não sei se eu mudei, mas lá, a gente sempre pensa que a gente muda, mas não. Continua o mesmo. Eles [os conterrâneos] acham que mudou, né, mas a gente não mudou nada.

E em quê eles acham que você mudou?

Martinho – É, porque chegando lá a gente volta mais danado, porque aqui a gente conversa de todos os assuntos, sobre muita coisa, muita coisa diferente, e aí eles acham que a gente voltou mais falante. [Acham que a gente volta] cheio dos critério, com a pele mais fina, mais branco... Tem gente lá que acha que a gente trabalha em escritório, porque tá com a pele mais fina, mas não, “Ih, gente, o trabalho lá é de roça”. Acham que é trabalho sério, que consegui, mas não, é trabalho de roça, com facão também! (risos).

Martinho, assim como outros trabalhadores maranhenses, não sente que pertence ao mundo que migra. No entanto, sente que o *moderno*, o *novo*, lhe são familiares, porque são parte constituinte de sua cultura e terra natal, onde a lógica tradicional e camponesa já recebe a influência dos símbolos do moderno, seja a partir da migração existente em Morro Branco há mais de 10 anos (que possibilita o intercâmbio de culturas), seja a partir das imagens da televisão, meio de entretenimento entre os moradores de Morro Branco¹⁰. Há o desejo de pertencimento e

¹⁰ Em Morro Branco não há água canalizada e nem asfalto nas ruas e estradas de acesso. Porém existe energia elétrica, e na casa de “Fogoso”, único morador da cidade que já tem televisão, toda a comunidade se reúne no fim do dia para assistir à novela das 9h (informações colhidas através das entrevistas).

identificação do moderno, mesmo que percebam o estranhamento e a repulsa da comunidade nativa guaribense (e, portanto, moderna), que os mantém afastados a partir das niveladoras perguntas “quanto você vale?” ou ainda “quanto você tem?”. A saudade e o desejo de regresso estão indiscutivelmente presentes, mas estes querem voltar diferentes, representantes do moderno através de seus novos pertences imbricados de valores concretos e abstratos e, sobretudo, vitoriosos no mundo metropolitano onde o ser e o viver são *para fora*, ou seja, voltados para as aparências e para o tempo que é calculado, quantitativo, egoísta. Por isto voltam mais brancos, mais fortes, como se trabalhassem em escritório, com dinheiro no bolso, “cheio dos critério”, expressões colhidas não apenas no depoimento de Martinho, mas nos relatos dos outros homens e mulheres maranhenses ouvidos. O *lugar que não é da gente* também faz parte de sua formação identitária. Ter status na *nossa terra* é ter incorporado valores e símbolos do moderno. “Parecer moderno, mais do que ser moderno. A modernidade se apresenta, assim, como a máscara para ser vista. Está mais no âmbito do ser visto do que no viver” (MARTINS, 2000: 39, grifos meus). Ou seja, o *viver* do camponês do interior maranhense que migra sempre será não *moderno*, ainda que sua corporalidade denuncie um hibridismo de culturas. No entanto, sua existência é indiscutivelmente parte da *modernidade*, uma vez que, sob uma perspectiva econômica, sua força de trabalho sustenta o setor sucroalcooleiro e, portanto, o luxo e a riqueza do mais moderno estado do país. Neste *jogo da sociedade*, o trabalhador migrante mais perde do que ganha, mais é explorado do que explora as oportunidades da modernidade.

MIGRANTES ESTABELECIDOS: REMEMORANDO A PARTIDA E DESCREVENDO A PERMANÊNCIA

Robi é um mineiro de 54 anos, e há vinte e dois mora em Guariba. Não conheceu seu pai, que morreu quando este tinha apenas sete meses de idade. Em Itaobim – MG viveu os primeiros anos de sua vida, ao lado de sua mãe, que faleceu quando Robi tinha 17 anos. Como também perdeu seus cinco irmãos, Robi, desviando o olhar, diz em seu depoimento que “só sobrou eu, sozinho, pra morrer”.

Robi é apenas um entre tantos outros milhares de migrantes que fizeram de Guariba sua morada permanente. A configuração de suas casas e seus modos de vida diferenciam-se dos pertencentes aos migrantes

temporários que, como foi exposto acima, pouco conhecem de Guariba além dos muros de suas pensões, e estabelecem vínculos de sociabilidade quase que exclusivamente com os seus iguais, sendo que “iguais”, neste sentido, são seus conterrâneos moradores da mesma pensão, e não seus vizinhos ou ainda os moradores de outros bairros da cidade.

Homens e mulheres migrantes temporários, afinal, pertencem ao micro-universo que não ultrapassa os quatinhos de suas pensões. Migrantes estabelecidos como Robi, no entanto, expandem seus vínculos de sociabilidade. Em especial nas ruas mais antigas do Bairro Alto, as famílias migrantes que ali vivem mantêm um real espírito de comunidade, em que a ajuda, o conhecimento e a amizade são compartilhados:

O senhor é amigo das pessoas do bairro?

Robi, pardo, cortador de cana - Ih, de tudo! De Guariba inteira! Onde é que me encontra é a mesma coisa. Sei lá, na Vila Amorim, na Cohab I, nos outros lado aí é o mesmo negócio, aonde for me encontrar...¹¹

No entanto, quando Robi é questionado se vai muito ao centro, responde:

Robi - Não, difícil. Vixe! Passa dez meses sem eu descer lá em baixo. Por aqui, só por aqui. Ah, eu não tenho tempo, né? Eu não vou em festa lá pra baixo, não vou em lugar nenhum, então não tenho tempo. E trabalhar menos não adianta não, né? Não tenho nem tempo e nem dinheiro! Então...

Como fica claro neste trecho, Robi entende que “Guariba inteira” limita-se aos bairros periféricos que circundam seu Bairro Alto. Evita outros locais da cidade, e mesmo em dias de pagamento, é seu filho que busca o dinheiro no centro da cidade. Robi expandiu seus vínculos de sociabilidade, mas preserva limites quanto aos espaços que se sente à vontade, e sabe que não foi toda a cidade que se tornou sua morada permanente.

Suas memórias ou mesmo desejos dizem respeito ao regresso à terra de origem. A “volta” é a sua verdadeira identidade. E mesmo o migrante estabelecido há mais de 30 anos em Guariba, como Robi, tem

¹¹ Entrevistas realizadas em junho de 2005, nas casas dos depoentes citados nesta sessão.

necessariamente uma foto de sua terra, ou de seus amigos e parentes conterrâneos, em algum canto da casa, no caso em sua sala. Suas memórias são seletivas: nem tudo fica guardado ou registrado. Assim, “se esquecem” dos preconceitos que já sofreram ou sofrem (e que ainda estão tão vivos nas lembranças dos sazonais), e procuram lembrar-se dos grupos a que estão associados, que na maioria das vezes é o seu próprio bairro.

Robi sente falta de sua terra natal, e mata essas saudades voltando, quando pode, para Itaobim – MG nas festas de São João. Gostaria que fosse possível voltar a morar em Minas Gerais, e aponta problemas em Guariba:

E sua situação financeira hoje, depois que veio pra Guariba, é melhor ou é pior?

Robi - Muito melhor, viu? 100% melhor.

E por que?

Robi - Porque o trabalho aqui é diferente e pra saúde é diferente. É bem melhor. Se tivesse esse trabalho aqui, e o médico que tem aqui, eu não taria aqui, eu tava lá, né? Porque eu pra trabalhar é direto, todo dia da minha vida. Lá na nossa Minas Gerais tem... tem trabalho, mas só que é muito pouco. Não tem carteira registrada, não tem ninguém pra botar uma carteira registrada... ninguém conhece! Pelo menos lá na nossa região isso é difícil demais.

Mas o senhor preferia estar morando lá, se lá tivesse saúde...

Robi - Sim.

Por que?

Robi - Ah, porque eu gosto de lá, né?

Mais do que aqui?

Robi - Mais do que aqui.

E do quê o senhor gosta de lá?

Robi - Lá... é o clima do lugar, né? E lá é onde a gente nasceu, o costume é outro.

Como é o costume lá?

Robi - Dá até nó na língua pra falar... [Robi fica emocionado]. Lá todo mundo... Lá o que tem é sossegado, ninguém perturba ninguém. Cê tem uma vida sossegada, né? E eu não gosto... não pego nada dos outros e não gosto que peguem no que é meu também. Nunca eu fui assaltado, mas eu tenho medo, né?

O senhor tem medo daqui?

Robi - É o jeito. Aqui não é muito sossego.

Robi poderia ser para outros moradores de Guariba, incluindo muitos migrantes sazonais, um possível criminoso porque é morador do Bairro Alto. No entanto, os sentimentos dos migrantes estabelecidos e dos sazonais são muito semelhantes, como as saudades da terra natal e o medo da criminalidade¹². Obviamente, ninguém se identifica enquanto criminoso e violento, e inevitavelmente culpa o Outro, que não tem cara, não tem identidade. O nativo culpa o “de fora”, os moradores de outros bairros, mesmo que periféricos, culpam o morador do Bairro Alto, e o morador do Bairro Alto culpa o seu vizinho distante. Ou seja, nativos e “de fora” são apenas os extremos de múltiplas relações sociais, existentes entre diversos grupos de Guariba. Robi relata o que pensa dessas relações:

E o seu bairro? Acha que é mais violento?

Robi - Não. É médio, né? Não é aqui só, né?

O quê o senhor acha que o centro da cidade pensa?

Robi - [silêncio] Ah, o centro da cidade sempre pensa que... as periferias sempre são mais... às vezes tem gente mais desonesta, né? Não é mesmo? Porque lá dentro, só os quem mais pode, né? Ali tem os policiais mais próximos, tem os guardas que olham as coisas, né? E pra gente que tá aqui de fora, aqui... a polícia passa, mas... mas já é meio tarde, né?

E como é que a polícia age aqui?

Robi - Ah, a polícia sempre... a polícia sempre faz uma força, né? É, apavora peão por aí!

E tem muita gente fazendo coisa ruim, como é que tá?

Robi - Tem uma meninada meio besta por aí, mas não dá nada, não! Eles brigam uns aos outros mesmo! Num mexe com família de ninguém, não, ué. Eles mesmo que se desentendem com eles mesmo, né?

Com o senhor nunca aconteceu nada aqui?

Robi - Não, não, vixe! Não tô te falando pra você? Aqui só tenho amizade.

O senhor Chico, vizinho de Robi, assim como ele pouco frequenta o centro da cidade, e justifica sua escolha da seguinte forma:

¹² Informações colhidas a partir de pesquisa de campo realizada nos anos de 2004 e 2005.

Senhor Chico, cortador de cana, mineiro, negro, 63 anos - É, lá eu só vou uma vez por mês, porque tenho que ir pro banco, mas só. De resto, só dentro de casa. Tem dia que eles querem me levar, mas eu não vou! Que eu tô com o corpo doendo...

É necessário lembrar que o centro de Guariba e seu comércio estão a poucos quarteirões de distância do Bairro Alto, sendo de fácil acesso até mesmo para quem está a pé. Certamente não são apenas as dores no corpo que impedem o senhor Chico de ir ao centro da cidade, mas também os estigmas e as discriminações que encontra em espaços sociais ocupados por grupos que se consideram socialmente superiores ao senhor Chico, e que, de uma certa forma, são também socialmente superiores *para* o senhor Chico:

E o senhor tem muitos amigos, ou não?

Senhor Chico - Graças a Deus! Graças a Deus é o que eu mais tenho aqui!

Aqui do bairro?

Senhor Chico - É, tudo meus vizinho. Tudo aqui do bairro é gente conhecida, mas lá no centro eu conheço também!

Quem o senhor conhece lá?

Senhor Chico - Ah, não sei lhe dizer assim por nome. Mas de vista, de vista até que conheço!

Foi também aos poucos, e de forma traumática e indesejada, que o senhor Chico sentiu-se enfim parte da figuração social de Guariba e a entendeu como *lar* (ou, ao menos, o Bairro Alto enquanto lar). Ao longo da entrevista, o senhor Chico informa que há dezoito anos mora na cidade, e que nesta ocasião migrou em busca de tratamento médico para a sua esposa, que tinha problemas cardíacos. Viajou com 120 mil réis no bolso e seis filhos menores de idade. Instalado em Guariba há um mês, recebeu a notícia de falecimento da sua esposa:

Então o senhor veio pra Guariba pra tentar tratar da sua senhora?

Senhor Chico - É. Vim pra cá pra tratar dela.

Então o senhor não veio pra cortar cana?

Senhor Chico - Não, eu vim pra tratar dela. Mas depois que ela morreu eu fui obrigado a ficar aqui, e então eu passei a cortar. Dinheiro eu não tinha. O jeito foi ficar aqui. Os menino, seis menino pequeno.

No entanto, ao longo da entrevista, o senhor Chico esclarece que já conhecia Guariba, e que há dezoito anos se *estabeleceu* na cidade:

E quando o senhor chegou aqui, Guariba era muito diferente da sua cidade lá em Minas?

Senhor Chico – Não, mas quando eu vim aqui, eu já tava acostumado com isso aqui. Porque eu vinha aqui, mas eu só vinha trabalhar e ia embora, pra poder tratar de roça. Eu vivia mais era aqui. Eu já era acostumado aqui. Eu trabalhava lá e cá.

Ah, então o senhor vinha pra cortar cana...

Senhor Chico - É, trabalhava seis meses e ia embora. Aí eu ia cuidar da roça lá.

Mas aí não trazia a sua esposa...

Senhor Chico - Não, não trazia nenhum deles. Eu vinha, trabalhava seis meses e então ia embora pra mim poder cuidar da roça de lá. Quando aí era janeiro, fevereiro, aí então eu voltava. Era assim, eu já era acostumado aqui.

E quanto tempo o senhor fez isso, o senhor veio só pra cortar cana e voltar?

Senhor Chico - Ah, filha, foi muito tempo, muito tempo. Aí da última vez que eu vim, eu não voltei mais.

Ou seja, o senhor Chico apenas sentiu-se cidadão guaribense quando deixou de ser um migrante sazonal, e passou a morar permanentemente na cidade. Neste sentido, o senhor Chico não sente que compartilha com o migrante sazonal, morador de pensões e bicos, um mesmo e coeso grupo, as mesmas representações sociais (Elias & Scotson, 2000).

Dona Cipriana, cunhada do senhor Chico, assim como ele, ainda não está aposentada e corta oito toneladas de cana diariamente em plenos 58 anos de vida. Sustenta uma extensa família, dentre os quais sua mãe, de 101 anos, e um filho de 13 anos que já é pai. Perdeu duas filhas, uma de 25 anos e outra de 19 que, de acordo com Dona Cipriana, “morreram de tristeza” cortando cana e deixaram três filhos. Além disso, conta o profundo desespero que sofreu quando migrou para Guariba há vinte e um anos atrás:

E como é que a senhora se sentiu quando deixou sua cidade?

Dona Cipriana, mineira, negra - Ah, eu pensava nela, só ela [sua cidade, Araçuaí - MG]. Só queria saber de voltar pra lá. Eu, minha sogra, só chorava. Chorava com vontade de voltar pra lá, mas não podia. O

dinheiro não dava, né? E as duas menina [suas filhas, que já morreram] que era de menor tava trabalhando, né? Eu falei “o certo é ficar aqui”.

Lavei muita roupinha pros outro aqui, pra ganhar um tostão.

Mas então não foi fácil no começo?

Dona Cipriana - Ah, pra mim não foi fácil, porque nem roupa eu tinha, muié! Dormia no chão... Me desculpe de ter que falar essas coisa, não sei se quer ouvir...

Imagina, pode falar!

Dona Cipriana - ... De papelão, filha! [fica emocionada] Dormia no papelão! Tinha gente que queria até meu filho, meu menino! Esse aí que tá deitado. Queriam tirar de mim, eu falei “eu não dou, esse menino é meu”. Passo em frente da casa dessa muié até hoje, ainda.

E quais impressões a senhora teve da cidade?

Dona Cipriana - Ah, quando eu cheguei aqui eu queria voltar no outro dia. Pra mim era tudo estranho, tudo sujo...

Aos poucos, como era de se esperar, Dona Cipriana se conformou e se acostumou. Teve a oportunidade de voltar para a sua terra natal, mas não quis. Hoje entende Guariba como seu ponto de chegada, e não mais como um possível ponto de partida:

Então a senhora acha que a sua situação financeira hoje é melhor?

Dona Cipriana - Pra mim é melhor porque eu tô trabalhando, né? Mas eu vejo que, assim, dá vontade de ter alguma coisa e nós não tem, né? Então nós tem é que ficar quieto. Mas tem coisa boa aqui, porque todo mundo é bão... Tem gente que chega, traz um arroz, me ajuda. Ajuda ela [D. Dadá, sua mãe] também, né? Então por isso, pra mim, nem é tão muito ruim assim, que nem lá na minha terra [...] E eu tenho bastante amigo aqui, porque vem muita gente aqui em casa, né? E eu não sou de ir em casa dos outro, mas aqui vem bastante gente de fora. Eles gosta da gente, gosta dela [D. Dadá], gosta de mim. E a gente gosta de muita gente.

Os depoimentos destes homens e mulheres ouvidos recriam o passado e o estado atual de seus cotidianos de acordo com elementos do tempo presente e das relações que mantêm com os Outros. São reflexos de uma memória subterrânea, representante de culturas minoritárias e dominadas e que se opõem à “memória oficial” (Pollak, 1989). São nos espaços e nos lugares por eles rememorados que a tradição se estabelece, pois, embora timidamente e com oscilações e características múltiplas, a tradição e a coesão são reproduzidas entre os grupos “de fora”. Afinal,

nenhuma população se deixa deslocar sem resistência, sem levar consigo parte do que entende por *seu* grupo: as relações existentes entre os espaços e os seres que nele habitam, entre as “pedras e os homens” (Halbwachs, 1990), não são transpostos e modificados facilmente.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS “DE FORA”: AS CIDADES-DORMITÓRIOS COMO PERIFERIZAÇÃO DO CAPITAL

Entre espaços divididos, violências simbólicas e estigmas, o migrante vai percebendo, aos poucos, que os laços sociais que separam e hierarquizam os indivíduos podem também uní-los. Migrantes temporários continuamente sofrem e se fecham em seus universos particulares e protegidos. Migrantes estabelecidos já sofreram muito, mas aos poucos fazem de Guariba sua morada, e ultrapassam os limites de seus universos, que ganham as casas, as ruas e os bairros periféricos que os circundam. Aprenderam que o modo de vida camponês, que mantinham em suas terras natais, pode também ser reproduzido na “moderna” cidade paulista, a partir de um espírito comunitário construído entre os iguais. Guariba nada mais é que diversos círculos, espaços sociais que eventualmente comunicam seus extremos (BOURDIEU, 1989). Espaços sociais que quando se encontram, se misturam ou se chocam, compartilham uma repulsa, que não advém apenas do grupo nativo, mas também do grupo “de fora”. Se o nativo deseja que o “de fora” não vá ao centro (o espaço social nativo), o “de fora”, por sua vez, evita ir ao centro e prefere manter-se nos espaços sociais que considera seu por direito, como o Bairro Alto.

Mas e os filhos dos “de fora”? A segunda e a terceira geração dos migrantes já nasceram em Guariba, e construíram suas identidades a partir dos modos de vida paulistas, guaribenses. Nem sempre aceitam que existe algum *espaço social* na cidade que não é seu por direito, afinal, ele é parte constituinte da mesma, e nem sempre compartilhou ou presenciou o modo de vida camponês de seus pais e avôs. No entanto, são incorporados em uma mesma, injusta e contraditória relação dialética: são impreterivelmente os “de fora”, mesmo que guaribenses natos, porque são negros e pardos, pobres ou moradores do Bairro Alto. Estes filhos de migrantes não são bem-vindos ou bem vistos na maior parte dos espaços sociais de Guariba justamente porque, de acordo com Bourdieu, um espaço social “pode ser descrito (...) como campos de

forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objetivas impostas a todos os que entrem neste campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às *interações* diretas entre os agentes” (BOURDIEU, 1989: 134). Ou seja, mesmo que tenham adquirido *habitus* e capitais sociais e culturais do modo de vida paulista, não são aceitos por esta sociedade, que ainda é a detentora legítima de todo o poder e violência simbólicos impostos a eles.

É preciso tomar consciência de que esta “ausência” de identidade entre a segunda e a terceira geração de migrantes tem sérias conseqüências, como a participação deste grupo em atos de violência, como os furtos, os roubos e o tráfico de drogas. Assim, a ideologia nativa, que estigmatiza este grupo *anacrônico*, que não consegue fazer parte do tempo e do espaço guaribenses e que nunca é considerado “nós”, pode estar, com a sua violência simbólica, incitando uma violência real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou chamar a atenção para os diversos aspectos da sociedade guaribense, capaz de oprimir e marginalizar os migrantes nordestinos, que há décadas fazem parte de seu espaço social. Comumente conhecidos como *excluídos*, na verdade estão absolutamente *inseridos* nos processos de produção capitalista, como também nas relações sociais e culturais das cidades-dormitórios, onde procuram a sobrevivência. No entanto, em ambos os casos, estes trabalhadores migrantes estão em desvantagem, estão sob o domínio de um poder simbólico que constantemente os oprime: como já sabia Rosa Luxemburgo há pelo menos um século, para eles sobraram os serviços pesados e os estigmas, típicos das sociedades capitalistas.

Ademais, é importante salientar que este estudo, nas etapas que já foram concluídas e nas que ainda virão, baseia-se nas orientações de Bourdieu em todo seu procedimento, e em um duplo sentido: o primeiro deles, quando procura priorizar o desenvolvimento de um *pensamento relacional*. De acordo com Bourdieu, “se é verdade que o real é relacional, pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição acerca da qual eu julgo saber tudo, porque ela nada é fora das suas relações com o todo” (BOURDIEU, 1989: 31). Por isso, para compreender o papel do migrante no interior paulista, foi necessário desvendar todo o contexto

em que este agente social estava envolvido e, essencialmente, suas relações com os que chamamos de “nativos”.

Em um segundo sentido, e talvez o mais importante, neste trabalho procuramos nos questionar: *Para que serve e a quem serve a Sociologia?* Bourdieu sempre buscou compreender o significado de uma *Sociologia Crítica*, do afastamento da sociologia instrumental, técnica, feita sob encomenda e posta a serviço de outros interesses existentes na sociedade, quer sejam das classes dominantes, quer sejam dos representantes de outros segmentos sociais¹³. Essa é a importância do intelectual e seu papel, indissociável às suas idéias e aos seus efeitos na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel. 1989.
- BOURDIEU, P. Um Analista do Inconsciente. In: SAYAD, A. (org) *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp. 1998, p. 9-13.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J.L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: LTC. 1988.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990.
- MARTINS, A.L. *Guariba - 100 anos: 1895 – 1995*. São Paulo. Prefeitura Municipal de Guariba. 1996.
- MARTINS, J.S. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo, Hucitec. 2000.
- MARX, K. & ENGELS, F.. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec. 1984.
- MENDES, A. *O conflito social de Guariba 1984-1985*. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca. 1997.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, Pp. 3-15.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, Pp. 200-212.
- SILVA, M.A.M. As Cidades dos Bóias-Frias. *Travessia – Revista do Migrante*, nº 15, Janeiro-Abril. 1993, pp. 30-47.
- SILVA, M.A.M. A terra do imaginário dos migrantes temporários. *História Oral*, nº 4, vol. 1. São Paulo. 2001, pp. 103-120.
- SILVA, M.A.M. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMARTINI, Z.B.F. & TRUZZI, O.M.S. (orgs.) *Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas*. São Paulo: EDUFSCar. 2005, pp. 53-87.

¹³ Reflexões da Profa. Dra. Maria Ap. de Moraes Silva, disponíveis no site www.lpcvisual.com.br/lms.

NOVAES, J.R. & ALVES, F. *Guariba – 1984* (vídeo). São Paulo: FERAESP, UFRJ e UFSCar. 2002a.

NOVAES, J.R. & ALVES, F. *A memória em nossas mãos* (vídeo). São Paulo: FERAESP, UFRJ e UFSCar. 2002b.

VETTORASSI, A. Vivendo e aprendendo a jogar: formas de sociabilidade entre migrantes temporários no interior paulista. In: *Travessias na desordem global*. São Paulo: Editoras Paulinas, 2005.

VETTORASSI, A. *Espaços Divididos e Silenciados*: um estudo sobre as relações sociais entre nativos e os “de fora” de uma cidade do interior paulista. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). UFSCar, São Carlos. 2006.

WAIZBORT, L. Elias e Simmel. In: WAIZBORT L. (org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: EDUSP. 2001. p. 40-83.

ZALUAR, A. & LEAL, M. Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 45, v. 16. Fevereiro de 2001, pp. 89-140.



Figura 1 - Pensões de migrantes temporários por dentro, no Bairro Alto. Cada porta ilustrada na foto representa um quarto. Em cada quarto reside uma família de migrantes temporários. O banheiro, a cozinha e a área de serviço (um tanque de lavar roupas) são coletivos. Atualmente, Guariba recebe migrantes

maranhenses e piauienses, mas já recebeu mineiros, baianos, paranaenses e pernambucanos (2004). Crédito da Foto: Francisco Barnabé Ferreira.



Figura 2 – Casas típicas dos migrantes estabelecidos do Bairro Alto (2005).
Crédito da Foto: Andréa Vettorassi.

